

40 ANOS

APPC

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE PROJECTISTAS E CONSULTORES

www.appconsultores.org.pt

n.º 47 - Novembro 2015

Boletim Informativo
empresas de projecto e consultoria



APPC – 40 ANOS DE DESAFIOS E REALIZAÇÕES

Quatro décadas de intervenção da nossa Associação, em prol da dinamização de um Sector ao serviço do desenvolvimento do país, é um marco importante que me orgulho de poder testemunhar na qualidade de actual Presidente da Direcção da APPC, certo de poder dizer que o faço em nome dos actuais e passados Órgãos Sociais da APPC.

Estas quatro décadas foram importantíssimas nos mais variados aspectos da Sociedade portuguesa. Há quarenta anos, Portugal tinha acabado de encetar a vida em democracia, encerrando um longo capítulo de ditadura, estava a ver nascer novos Estados mercê da independência dos territórios até então colonizados, assistia a uma ânsia de desenvolvimento de infraestruturas económicas e sociais de que o país estava muito carenciado. Poucos anos depois, foi possível concretizar a adesão à União Europeia, com todos os benefícios que trouxe a Portugal em prol do seu desenvolvimento.

O Sector da Consultoria há 40 anos era muito pequeno, resumindo-se a pouco mais de meia dúzia de empresas. Mercê das necessidades observadas no mercado e do alargamento da capacidade de formação e qualificação dos profissionais, foi possível constituir rapidamente um Sector Empresarial com enorme potencial de desenvolvimento.

Em particular na engenharia, arquitectura e economia e gestão, existiam horizontes bastante alargados, em função da intervenção em territórios bem mais vastos do que aqueles que hoje correspondem a Portugal, pelo que, ao concentrar muitos desses recursos em Portugal após as independências das ex-colónias, o Sector da Consultoria pôde conquistar uma capacidade de intervenção muito superior aquela que se poderia imaginar.

Daí que tenha sido possível constituir equipas, no sector público e no sector privado, que permitiram a Portugal ter um desenvolvimento absolutamente notável das suas infraestruturas de diversa índole. Infraestruturas escolares, hospitalares, rodoviárias e de transportes em geral, de água, saneamento e ambiente, de produção e distribuição de energia, a par dos desenvolvimentos em termos habitacionais, etc., tiveram um desenvolvimento rápido que trouxe o país para um nível de desenvolvimento que, em termos de infraestruturas, o colocam hoje na 23ª posição em termos mundiais.

Estes 40 anos foram absolutamente notáveis em termos de desenvolvimento. Empresas de consultoria e projecto conquistaram dimensão, qua-

lificaram-se, inovaram, dotaram-se de capacidade para estar na linha da frente, contribuindo para que o Sector da Consultoria fosse parte activa e decisivamente importante desse processo.

A APPC esteve sempre neste processo. Reuniu um núcleo central fundamental, procurando sempre alargar o número e qualidade de Empresas Associadas, sendo desde sempre muito representativa dos segmentos da Engenharia e Arquitectura.

Nesta última década a APPC logrou reforçar a sua representatividade, também mediante a fusão por incorporação da APVP, a qual tinha uma boa parte de associados comuns, assim contribuindo para a unidade e representatividade do Sector.

Infelizmente, factor que é hoje bem visível, a maior parte das empresas não conquistaram a dimensão crítica que lhes permitisse alargar a sua oferta de produtos e capacidade de intervenção em mercados mais alargados e competitivos. A pequena dimensão de muitas das nossas empresas é um factor crítico que permanece desde há muito.

A chamada crise dos “mercados” de 2008 veio a determinar a necessidade de ajustamento do Sector que, em termos quantitativos, se fez sentir abruptamente após 2010.

De tal forma abrupta tudo aconteceu que, de então para cá, o mercado doméstico se reduziu em valores superiores a 50%. Correu relativamente bem o desenvolvimento da actividade internacional, que cresceu com significado, reduzindo a quebra global da actividade das empresas para pouco mais de 30%.

Com tais quebras de actividade, muitas foram as empresas liquidadas ou que entraram em processo de falência ou recuperação, e muitas são as que tiveram de reduzir a sua capacidade de intervenção, mercê da necessidade de reduzir custos, reduzindo ou suprimindo equipas.

Naturalmente que também a APPC se ressentiu dessas circunstâncias negativas, não vendo reduzir, todavia, a sua representatividade.

Queremos, naturalmente, contribuir para a inversão desse ciclo. É o que temos procurado fazer, reforçando a intervenção junto dos poderes públicos e a associação a parceiros de índole profissional e empresarial.

[Continua na última página]

A APPC aderiu recentemente à rede social profissional LinkedIn. Se gosta de manter-se actualizado acerca do que se passa no nosso Sector, torne-se seguidor da página da APPC. Clique no link para esta rede que está na “homepage” do site da Associação ou digite o endereço:

www.linkedin.com/company/appc---associação-portuguesa-de-projectistas-e-consultores

Siga-nos no

LinkedIn

40 ANOS DA APPC

REFLEXÕES SOBRE AS 3 PRINCIPAIS ACTIVIDADES REPRESENTADAS NA ASSOCIAÇÃO Evolução, marcos do passado, ameaças e oportunidades, desafios para o futuro...

1 – ENGENHARIA

TEMOS ORGULHO EM SER ENGENHEIROS!

Na perspectiva da Direcção da APPC, ultrapassado o período de maiores dificuldades da Economia Portuguesa que levou ao quase total desaparecimento do Investimento Público em Portugal, com destaque para as obras de Engenharia Civil, afigura-se fundamental devolver aos Engenheiros o protagonismo e reconhecimento social que muito justamente lhes foi atribuído durante quase toda a História de Portugal e que hoje, fruto de diversas circunstâncias, generalizações e juízos de valor muito negativos, por parte da “opinião pública” em geral, se encontra reduzido a mínimos históricos.

Neste artigo, manifesta-se a necessidade actual muito premente de “afirmar justificadamente”, sob a forma de manifesto, o orgulho de ser engenheiro. É fundamental cultivar e praticar uma atitude positiva e optimista que ajude a devolver aos engenheiros o protagonismo e reconhecimento recentemente perdidos!!!

Nesse contexto, “temos orgulho em ser engenheiros” porque a nossa actividade:

- é um dos motores fundamentais da economia, promovendo a construção e desenvolvimento das cidades e o ordenamento do território, das redes de transportes e da produção e distribuição de energia;
- é fundamental para a obtenção e fornecimento de água potável, para a construção de redes de saneamento e para a protecção da frente marítima;
- é fundamental no domínio da ecologia e sustentabilidade, por exemplo através da redução dos resíduos industriais perigosos e do desenvolvimento de processos industriais, físicos, químicos e mecânicos cada vez mais “amigos” do Homem e da natureza.

Temos orgulho em ser engenheiros porque ajudamos a transformar o Mundo num local melhor:

- planeando, projectando e calculando soluções de intervenção no ambiente que, sob a forma de “realizações humanas”, melhoram a qualidade de vida das pessoas e a qualidade tanto dos lugares e espaços habitados como dos locais da Terra mais inóspitos e de ocupação sustentada mais difícil;
- procurando as melhores soluções de projecto que garantam o adequado equilíbrio entre a segurança necessária, a economia das opções e a optimização do respectivo desempenho e qualidade;
- intervindo nas cidades e edifícios, nas estradas e na rede ferroviária, nos portos e aeroportos, nas barragens, pontes e túneis, nas unidades industriais, nas plataformas de exploração de petróleo e de gás natural, nas torres eólicas, nas redes digitais e nos sistemas de informação, na electrónica, microelectrónica, telecomunicações, mecatrónica, automação e no sector automóvel, entre outros;
- assegurando actividades de Gestão Industrial e de Gestão de Projectos para os mais diversos tipos de investimentos e de negócios e sectores de actividade;
- garantindo a gestão técnica e operacional dos sectores primários da economia (pescas, agricultura e sector mineiro).



Temos orgulho em ser engenheiros, porque:

- sabemos utilizar de forma interdisciplinar conhecimentos de várias origens que incluem os materiais, os solos e as rochas, diversos modelos numéricos de “explicação e tratamento” dos fenómenos da natureza com interesse para o desenvolvimento tecnológico e no nosso dia a dia usamos conhecimentos fundamentais de física, química e matemática, sem menosprezar a História, a Geografia e os fundamentos principais das Ciências Humanas;
- sabemos usar modelos computacionais para conceber soluções tecnológicas para os problemas do Homem e programas informáticos de gestão para realizar o planeamento de tempos e o controlo de custos dos investimentos e o controlo dos negócios em fase de utilização, entre outros;
- integramos equipas de investigação fundamental e aplicada em Centros de Investigação e Universidades onde desenvolvemos actividades de ponta ao nível do conhecimento humano e contribuimos para o progresso da Ciência e da Técnica ao serviço do Homem e da Natureza.

Não existe nenhuma economia forte sem um sector de engenharia forte e desenvolvido, já que os engenheiros contribuem:

- para a conservação, reparação e reabilitação do património construído tal como pontes, estradas e edifícios, entre outros;
- para a construção e desenvolvimento de novas unidades fabris e comerciais, geradoras de emprego e de crescimento económico;
- para a construção de Hospitais, Unidades de Cuidados Continuados e soluções mais modernas e humanizadas de acolhimento de cidadãos seniores, promovendo a sua integração com a população infantil.

Temos de gritar bem alto a nossa competência mas também manifestar o orgulho que temos em sermos engenheiros. Sem investimento e confiança nas potencialidades próprias não pode ocorrer nem crescimento económico, nem criação de emprego.

Portugal precisa de nós!! Portugal precisa de ter um Sector Empresarial competente no domínio da Engenharia, apoiando o desenvolvimento de Portugal e da economia portuguesa.

2 – ARQUITECTURA

Os últimos 40 anos assistiram a uma mudança radical do paradigma da Arquitectura em Portugal.

De algumas centenas passou-se às dezenas de milhar, entre estudantes e Arquitectos. A Arquitectura passou a estar na moda e exigiam-se médias altíssimas para entrar na escola pública. Porém o mercado revelou-se incapaz de absorver tal crescimento exponencial.

O tradicional atelier onde os estudantes aprendiam a profissão, foi substituído por estruturas mais ou menos empresariais onde passaram a ter lugar os chamados operadores de CAD de luxo.

Em 40 anos a mudança tecnológica foi brutal. Da régua de cálculo e do esquiço, passamos pela máquina de calcular, pelo fax, pelo computador, pelo telemóvel, para agora todo o conhecimento ser partilhado na nuvem.

No entanto a forma como o público em geral passou a encarar a arquitectura também mudou. Pode-se dizer que a democratização da Arquitectura ocorreu com a Expo 98, em que uma parte importante da cidade foi desenhada com recurso a Arquitectos. As pessoas passaram a usar espaços agradáveis, bem desenhados, e com espaços públicos generosos, e por isso passaram a dar valor à Arquitectura, ao seu interesse público e ao papel do arquitecto.

Os dois prémios Pritzker, mais elitistas, contribuíram para a visibilidade internacional da arquitectura Portuguesa. Constituem inegavelmente uma afirmação positiva da qualidade e valor da Arquitectura portuguesa, que deve ser aproveitada na exportação de serviços.

A liberalização do mercado fruto das regras impostas pela União Europeia, que equipararam o tabelamento dos honorários ao tabelamento do preço de uma “bica”, contribuíram para um aviltamento de preços a que também não é estranho o código dos contratos públicos ao baixar a fatura dos preços anormalmente baixos. Esta batalha só será ganha pela afirmação da qualidade, e da regulamentação a nível de serviços associados (SLA), e pelo exemplo do Estado, ao privilegiar a qualidade dos projectos sobre o factor preço.

Se imaginarmos que o projecto representa, por exemplo, sete por cento do valor da obra, e com contas internacionais feitas, o valor da obra corresponde a 30 ou 40 por cento do “life cycle” do edifício, isso significa dizer que o projecto representa dois por cento. Discutir um desconto de



Estádio Municipal de Braga – esta obra foi projectada pelo Arq. Eduardo Souto Moura, vencedor do Prémio Pritzker 2011, e o seu projecto de estruturas foi realizado pela empresa associada AFACONSULT, que recebeu um Prémio de Mérito da FIDIC em 2014.

20 por cento dos honorários é estar a discutir 0,4 por cento do valor desse edifício. A capacidade do projectista de acrescentar valor e de poupar no “life cycle” do edifício é muito superior ao valor dos honorários. O valor do consultor deve ser também determinado pelo valor acrescentado da sua experiência e pela sua contribuição para a qualidade do produto final.

A aposta na internacionalização constituiu o factor de sobrevivência das empresas de projecto como resposta à crise. A sua importância no volume de negócios actual corresponde já a uma parcela maioritária. Por isso importa que o Estado resolva os factores de contexto desta actividade exportadora, ainda para mais por ser efectuada exclusivamente por PME's.

Finalmente importa salientar a necessidade de uma nova postura empresarial, que implica o estabelecimento de redes de conhecimento e o crescimento das estruturas através de “joint ventures”, parcerias e fusões, de forma a se obter massa critica para enfrentar os competidores do mercado global.

Arq. Nuno Leónidas (NLA)

3 – ECONOMIA E GESTÃO

No ano em que a APPC comemora os seus 40 anos de atividade é interessante relembrar a realização em Lisboa, em Maio de 1973, do I Congresso Nacional dos Projectistas e Consultores, organizado por várias personalidades ligadas à consultoria, particularmente à engenharia, à economia e gestão e à arquitetura.

Foi precisamente neste Congresso que foi evidenciada a necessidade de criação de uma associação que reunisse no seu seio os projetistas e consultores, tendo em vista a promoção e a divulgação da atividade dos consultores junto das empresas e dos serviços públicos bem como a defesa, a representação e a melhor resolução dos problemas que à época afetavam o sector.

Curiosamente é neste I Congresso que se menciona pela primeira vez a necessidade de editar um Boletim “a distribuir periodicamente pelos empresários e serviços públicos dando conhecimento directo das vantagens de recorrerem aos serviços de consultores”.

Na época, a atividade dos projetistas e consultores era relativamente recente - não obstante a primeira empresa de engenheiros consultores ter iniciado a sua atividade em 1957 - e era mal conhecida. Todavia, nos anos de 1970, o sector teve grande impulso provocado por dois motivos principais. Por um lado, foi confrontado com a concorrência estrangeira, por outro, as entidades públicas e privadas compreenderam melhor quais as vantagens de recorrer ao sector.

Dando sequência às conclusões do I Congresso Nacional é então constituída formalmente, em Janeiro de 1975, a APPC a ela aderindo um número significativo de empresas do sector de consultoria e projecto.

É precisamente nos anos 70 que se começa a abordar o tema da internacionalização. Os projetistas e consultores começam a sentir cada vez mais que as suas capacidades extravasam o todo nacional e como tal são feitas recomendações no sentido de que a estruturação do sector seja compatível com o seu reconhecimento a nível internacional e que se deveria limitar às empresas que tenham como objeto exclusivo o da prestação de serviços de engenharia e que por engenharia se deve aceitar a concepção francesa que a divide em duas classes distintas: a de estudos técnicos e projetos e a de estudos económicos, socio-económicos e de gestão.

(continua na página seguinte)

A internacionalização das empresas de consultoria e projeto teve um primeiro impulso importante a partir de 1975, primeiro como resultante da independência das colónias, e depois pela entrada de Portugal como País acionista nas principais instituições financeiras de apoio ao desenvolvimento e, mais recentemente, pela entrada de Portugal no seio da Comunidade Económica Europeia.

A consultoria em economia e gestão espalhou-se pelo mundo durante os anos de 90 e no início do século mas sem nunca ter atingido resultados extraordinários, particularmente no que respeita a mercados não tradicionais. Deu e está a dar, porém, um forte contributo, naquilo que respeita ao desenvolvimento dos novos países de expressão portuguesa, muito em especial nas questões que têm a ver com a formação profissional, estudos e assistência técnica.

Assembleias Gerais e Conferências das Federações Internacionais do Sector

FEACO – Fed. Europeia Assoc. de Consultores de Gestão

Realizou-se no passado dia 14 de Outubro, em Atenas, a Assembleia Geral e a Conferência da FEACO.

Na **Assembleia** foram analisadas e aprovadas as contas de 2014 e foi debatido o Orçamento de 2015 que foi igualmente aprovado. Debateu-se a importância de trazer novamente para o seio da Federação novas associações, muito em especial a Associação Inglesa de consultores e a Associação Alemã, associações essas com quem a FEACO se mantém em conversações.

Anualmente a FEACO publica um documento contendo estatísticas sobre o sector da Consultoria de Gestão. Esse documento é elaborado tendo por base as informações transmitidas pelas associações quer dos Países membros quer de outros Países. O documento relativo ao ano de 2014 será publicado até ao fim do ano.

Conferência: subordinada ao tema "Towards a New Growth Model for Europe: The Role of the Consultants," a Conferência decorreu sob o patrocínio da FEACO e da associação grega, SESMA, contando com a participação do Ministro da Economia (George Stathakis).

Não obstante se tratar de uma Conferência Internacional e o tema ser a Europa, a principal matéria abordada foi a atual situação económica e financeira da Grécia. Foram apresentados temas como o Investimento, a inovação, a criação de marcas gregas, a necessidade de criar condições para exportar para fora do espaço da União, e como aumentar o financiamento às empresas.

EFCA – Fed. Europeia Assoc. Consultores de Engenharia

Organizada pela Associação norueguesa congénere da APPC, a RIF, a Conferência realizou-se em Oslo, nos dias 28 e 29 de Maio, e teve como tema central o denominado Plano Juncker, enquanto plano de investimentos com grande impacto sobre a actividade das empresas do nosso Sector, um pouco por toda a Europa.

O Programa da Conferência foi organizado em função de 3 sessões, assim designadas:

- The future – globalisation, markets, business opportunities
- From sectorial thinking to collaboration
- Interaction and collaboration in a global market.

Nos últimos anos assistiu-se, porém, na área da consultoria em economia e gestão, a um retrocesso nos valores anuais da prestação de serviços, provocados quer pela crise interna quer por alterações significativas nos modelos de contratação internacional.

De acordo com os últimos dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística, que se referem a 2013, a prestação de serviços na área de contabilidade, auditoria e consultoria atingiu o valor de 3,7 milhões de €, empregando cerca de 90 mil pessoas e havendo a trabalhar nesta área cerca de 40 mil empresas. No ano de 2013, 86% das empresas tinham clientes situados no mercado nacional, 6% no espaço da União Europeia e 8 % em países terceiros.



As apresentações efectuadas encontram-se disponíveis no site da EFCA (www.efca.be).

A Assembleia Geral tratou os temas correntes, mas também os associados ao funcionamento dos comités e ao papel de influência que a EFCA tem podido desenvolver junto das estruturas comunitárias relevantes.

FIDIC – Fed. Internacional dos Engenheiros Consultores

Muito embora a Conferência se tenha realizado nos dias 14 e 15, decorreu no dia 12 a reunião de Directores e Secretários Gerais e um Fórum de Boas Práticas no dia 13, em que foram passados em revista os temas da situação dos mercados e vida associativa em diferentes países, as boas práticas na organização e gestão das associações, o modelo de governação da FIDIC e o funcionamento de diferentes grupos de trabalho da FIDIC responsáveis pela definição de posições e políticas da FIDIC em matérias como: "Sustainable Development, Capacity Building, Integrity Management, Risk&Quality, Contracts, Business Practice".

A Conferência foi estruturada em torno de painéis temáticos (mais informação em www.fidic.org), cobrindo os seguintes temas: "Global Markets; Financing the Future; Benchmarking and Mergers & Acquisitions; Managing remote workforces effectively; Business opportunities in the Gulf Market; Integrity Management; Making Technology work".

Na Assembleia Geral, foram eleitos 2 novos elementos para integrar o Comité Executivo (um oriundo da Alemanha e um outro proposto pela Associação da Austrália).

O novo Presidente, o sul coreano Jae-Wan Lee, iniciou funções efectivas.

Prémio de Mérito da FIDIC atribuído à TECNOFISIL

Três empresas pertencentes ao Grupo TYPSPA, designadamente a espanhola TÉCNICA Y PROYECTOS, S.A., associada da TECNIBERIA, a brasileira ENGECORPS ENGENHARIA, S.A., associada da ABCE, e a portuguesa TECNOFISIL, associada da APPC, foram distinguidas com um Prémio de Mérito da FIDIC pela execução do Projecto de Expansão do Aeroporto Internacional de Guarulhos, em São Paulo.



O custo real da mão-de-obra nos serviços de consultoria de engenharia

1. Enquadramento

Associado ao aviltamento de preços, está obviamente a avaliação do custo da mão-de-obra, que constitui de longe o principal fator que contribui para a formação do preço de venda dos serviços.

Não se nega a existência de erros na avaliação dos tempos de execução de tarefas, mas certamente que esses erros são marginais quando comparados aos preços unitários admitidos.

Verifica-se que persiste em muitos clientes uma cultura de seleção pelo mais baixo preço. Contudo queremos acreditar que qualquer entidade estruturada, que tem que justificar como aplica os seus recursos, tem um raciocínio mínimo sobre a credibilidade de um preço que lhe é apresentado, pelo que lhe compete fazer alguns cálculos verificativos da razoabilidade dos preços que lhe são propostos.

Consideramos ainda que o estabelecimento dos preços base de concursos públicos só pode ter como referência uma simulação de tempos de equipas a afetar ao serviço e do seu custo unitário.

Acresce que os Donos de Obra, particularmente os do setor público, têm o imperioso dever de pugnar pelo cumprimento da lei, não pactuando com situações ilegais de precaridade laboral que pervertem a livre e justa concorrência.

A transação de serviços abaixo do custo, e da qualidade desejável, tem como consequência para o Estado a redução da cobrança de impostos, a não otimização da fatia mais relevante do investimento, que é o custo da construção e da manutenção ao longo da vida útil do empreendimento, e a precaridade socio-económica do trabalho, com consequências nos encargos da segurança social. Assim, o que parece uma poupança é afinal um mau investimento.

Conscientes de que existe em muitas situações uma falha de informação sobre o verdadeiro custo do trabalho, apresenta-se uma tabela de encargos legais que afetam esse custo, permitindo a prestadores de serviços e a entidades que os adquirem, consciencializarem que muitos preços que se praticam no mercado, só conduzem a maus serviços prestados por falta de tempo adequado para o produzir, ou à inexorável degradação das condições financeiras das empresas que praticam preços abaixo de custo, mas geralmente a ambas as situações em simultâneo. Por todas as razões, não parece razoável comprar pelo mais baixo custo.

2. Custos legais que afetam a mão-de-obra

O exercício da tabela seguinte é feito para um salário base de 1000€ mensais. Conclui-se que o coeficiente a aplicar ao valor de venda mensal deveria ser de 1,77, unicamente para cumprir com todas as obrigações legais, isto é, o custo mensal de um trabalhador com este salário é de 1,773 vezes superior.

Como foram assumidos alguns valores fixos, como o subsídio de refeição e a higiene e saúde, por exemplo, o coeficiente obtido não é constante para todos os valores de salário base. No entanto, pode-se concluir que para um salário base de 3000€ o coeficiente é de 1,698 e para valores intermédios o fator multiplicador se situa entre os dois limites acima referidos.

Note-se uma vez mais que estamos a obter um rácio que nos diz apenas quanto devemos cobrar por um funcionário estritamente ao preço de custo direto para a empresa. Abaixo do rácio apurado a empresa está a fazer "dumping".

3. Outros encargos

Não sendo objeto destas notas, lembramos sem computar, um conjunto não exaustivo de grandes despesas que devem afetar o valor de venda dum trabalhador, no âmbito de uma prestação de serviços de uma empresa, excluindo naturalmente subcontratações:

Custos indiretos:

- Ferramentas básicas (hardware e software)
- Posto de trabalho físico
- Material complementar (EPI, máquina fotográfica, impressora, ferramentas específicas, etc.)

Encargos diretos sobre o salário	Valor	%
Referência ao salário base de:	1 000 €	
Férias	1 000 €	0,091
Subsídio de férias e Natal	2 000 €	0,182
Segurança social	3 325 €	0,302
Subs. Refeição	1 045 €	0,095
FGT + FCT	140 €	0,013
Seguro acidentes de Trabalho	135 €	0,012
Higiene e saúde	36 €	0,003
Indemnização por despedimento	533 €	0,048
Custo direto de Formação	150 €	0,014
Tempo de formação e qualidade	136 €	0,012
Total de encargos	8 501 €	0,773
Salário	11 000 €	
TOTAL ANUAL DO TRABALHO	19 501 €	
Nº de meses de trabalho:	11	
Valor de venda mensal	1 773 €	



- Espaço físico no local de trabalho
- Feriados, faltas por doença, apoio à família, férias legais extraordinárias (maternidade, casamento, funeral de familiares)

Custos gerais a diluir na equipa de produção:

- Gestão e administração da empresa
- Contabilidade
- Atividade comercial
- Plataformas eletrónicas
- Apoio jurídico geral
- Equipa de suporte administrativa
- Sistema de Qualidade
- Processos e Sistemas de qualificação e certificação
- Energia e telecomunicações
- Quotizações para associações técnicas
- Seguros gerais da atividade da empresa

4. Conclusão

Uma primeira conclusão é que é impossível que o tempo de trabalho a afetar a um serviço seja pago com um coeficiente inferior a 2,2 sobre o salário base dos recursos humanos afetos a esse serviço, sendo muito provável que empresas organizadas e com sistemas de qualidade implementados tenham que praticar rácios de 2,5.

Note-se que, do mesmo modo que as atividades de suporte logístico e administrativo têm visto o seu custo a reduzir-se, os custos associados à atividade comercial, de prospeção, de identificação de oportunidades de trabalho, recolha de informação, preparação de propostas, acompanhamento das propostas e preparação e negociação de contratos, são claramente crescentes.

Além disso, quem consegue "vender" os seus quadros técnicos 8 horas por dia, 22 dias por mês? Desafia-se os leitores a refazer os cálculos em função do grau de afetação do seu pessoal técnico.

Apesar do caráter detalhado do que acima se apresenta, os mais atentos já terão dado pela falta de um item: o lucro! Esse aspeto dada a sua raridade pode ficar para outro texto.



IMPIC – Instituto dos Mercados Públicos, do Imobiliário e da Construção

Em outubro foi publicada a orgânica deste Instituto, que sucede ao InCI. Trata-se do Decreto-Lei nº 232/2015, de 13 de outubro.

NOVOS ASSOCIADOS

- CRYSTALSCORPION – Consultores de Engenharia e Gestão, Lda
- EDGAR CARDOSO – Engenharia e Laboratório de Estruturas, Lda
- MULTIPROJECTUS.COM, Lda

Como tornar-se associado

- consulte o menu "admissão" do site da APPC

PROPRIEDADE E EDIÇÃO

Associação Portuguesa de Projectistas e Consultores

DIRECTOR

Eng. Victor Carneiro

COORDENADOR EDITORIAL

Dr. Manuel Baptista

PROJECTO GRÁFICO

Atelier Henrique Cayatte

PAGINAÇÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA

Nastintas – Design e Comunicação

EXEMPLARES

1800

DIFUSÃO

Este Boletim é regularmente enviado às seguintes Entidades, Organizações e Empresas:

- Administração Central: Ministérios, Secretarias de Estado, Direcções-Gerais, Institutos Públicos e outras Entidades equiparadas
- Administração Regional: Governos Regionais dos Açores e Madeira
- Administração Local: Câmaras Municipais
- Empresas contratantes
- Organizações de interesse público
- Meios de Comunicação Social
- Empresas do Sector

APPC

Av. António Augusto de Aguiar, 126 - 7.º

1050-020 Lisboa

Tel 213 580 785/6

Fax 213 150 413

www.appconsultores.org.pt

info@appconsultores.org.pt

Siga-nos no 

FILIAÇÕES INTERNACIONAIS DA APPC



Federação Europeia das Associações de Consultores de Engenharia
www.efcanet.org



Federação Europeia das Associações de Consultores de Gestão
www.feaco.org



Federação Internacional dos Engenheiros Consultores
www.fidic.org



Federação Pan-Americana de Consultores
www.fepac.org

Prémios CONSTRUIR 2015: 11 empresas associadas entre os nomeados e 3 distinguidas com um troféu

O jornal Construir (www.construir.pt), em parceria com a revista Anteprojectos, organizou pelo 8.º ano consecutivo a Cerimónia de entrega dos Prémios Construir, uma iniciativa que tem por objectivo reconhecer a excelência e o mérito de empresas e profissionais da fileira da construção em 4 categorias: Arquitectura, Engenharia, Imobiliário e Construção. O evento teve lugar no Lisbon Marriott Hotel, no dia 29 de Setembro.

A lista de nomeados incluiu um número significativo de empresas associadas da APPC:

Categoria Arquitectura: ARX, nomeada para o prémio Melhor Atelier.

Categoria Engenharia:

Prémio Melhor Projecto: ADÃO DA FONSECA – Ponte Superior Pedonal Forte da Casa;
CONSULMAR – nomeada em conjunto com a Dimstrut pela obra Sede da PJ em Lisboa;

AFAConsult – Sede da EDP na 24 de Julho.

Prémio Fiscalização e Coordenação – 3 associadas nomeadas: FASE, CINCLUS e TPF Planege.

Prémio Internacionalização – 6 nomeadas: A1V2, COBA, FASE, GRID, TPF Planege e PROCESL.

Prémio Gabinete do Ano – 3 associadas nomeadas: PROSPECTIVA, COBA e AFAConsult.

Do conjunto de empresas nomeadas, 3 foram distinguidas com o Prémio Construir:

Prémio Fiscalização e Coordenação – FASE

Prémio Internacionalização – COBA

Prémio Gabinete do Ano – PROSPECTIVA.

Editorial (continuação da 1.ª página)

Em síntese, com uma mensagem muito positiva resultante da contribuição do Sector para o desenvolvimento e modernização do país, não poderíamos deixar de tecer algumas considerações acerca do momento actual, que muito condiciona a estabilidade do Sector:

- o contínuo decréscimo do investimento público que tem vindo a ser observado compromete a qualidade e operacionalidade, e inerente valorização e rentabilização, das nossas infraestruturas, a prazo;
- a contratação dos nossos serviços ao mais baixo preço é um método de avaliação das propostas relativamente “primitivo”, permitam-nos a expressão. Hoje em dia é unanimemente aceite que os serviços de engenharia e arquitectura, em geral, e a realização de estudos e projectos, em particular, devem ser avaliados de acordo com a sua contribuição para a realização eficiente do objectivo, com o menor custo ao longo do ciclo de vida do empreendimento. Se o denominado “projecto” representa, digamos, de 2 a 4% do custo das obras, representará aproximadamente zero por cento do custo global ao longo do ciclo de vida do empreendimento. Assim, não pode haver outro critério que não seja o privilégio da qualidade das propostas apresentadas a concurso para o “projecto”, instrumento essencial na gestão dos contratos de empreitada e que virá a condicionar todo o ciclo de vida do empreendimento;
- finalmente, há que assumir, com clareza, que sem mercado doméstico que sustente a inovação e que constitua uma âncora para as equipas, o Sector deixará, a prazo, de ter exportações significativas. Os “saberes” e o “conhecimento” estão nas pessoas, nas equipas. Se Portugal não encontrar forma de as ancorar e desenvolver, os saberes, o conhecimento, as pessoas e as equipas, tenderão a localizar-se em territórios económicos que se apresentem mais promissores e que garantam melhores opções de vida e de desenvolvimento profissional.

A APPC tem feito tudo o que lhe é possível para alertar para estas contingências e problemas que se pode adivinhar e temer. Tudo faremos para continuar a fazer ouvir a nossa voz.

Esperamos que daqui a 10 anos, quando a APPC perfizer 50 anos de existência, a APPC esteja mais forte e representativa e que as actuais debilidades do Sector estejam claramente ultrapassadas.

A todas as Empresas Associadas, os nossos votos de Sucesso.

Victor Carneiro, Presidente da Direcção da APPC